
A ORATÓRIA E OS DISCURSOS DE CÍCERO

Autora: Eiry Anne Simões Pereira¹
(eiry_anne@hotmail.com)

Orientadora: Michelly Pereira de Sousa Cordão²
(michellicordao@gmail.com.br)
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

INTRODUÇÃO

Marco Túlio Cícero (106 a.C.- 43 a.C.) foi um grande orador, advogado e estadista na Roma Antiga. Estudioso de Filosofia e Retórica, desenvolveu desde cedo uma grande eloquência. A “arte” da Retórica era o principal caminho para a política utilizado pelos cidadãos mais abastados da Antiguidade; hoje em dia, o principal meio de ascensão pública do indivíduo se faz através da mídia, que tem o papel de “lapidar” a sua imagem perante a opinião pública.

No que se refere à oralidade na Antiguidade, os Discursos de Cícero são um bom exemplo de como alguém que teve uma formação intelectual voltada para um pensamento mais profundo acerca das questões sociais e políticas, dentro de um regime político republicano, mas que à época vivia a experiência da quase centralização do poder nas mãos de um só governante (Júlio César). Nesse contexto e durante toda a república romana valorizava-se muito a arte de falar (a retórica) no ambiente da vida pública. Era preciso um bom domínio da fala para que a expressão e a defesa de idéias pudessem levar os cidadãos a se sobressaírem na procura por uma oportunidade na vida pública.

OS DISCURSOS DE CÍCERO

Voltando à questão dos Discursos de Cícero, *As Catilinárias* (que talvez sejam os mais famosos), retratam muito bem a grande inclinação que Cícero tinha para exercer um tipo de atividade em que obtivesse sucesso: a Advocacia. Foi em defesa de seus interesses e os de Roma que Cícero se dirigiu, nesses quatro discursos que constituem *As Catilinárias*, ao seu principal inimigo político, Lúcio Sérgio Catilina. A este Cícero “desferiu” duras críticas e acusações, num claro exercício de uso de seu domínio

intelectivo no campo da Retórica. O principal fato que, provavelmente, levou Catilina a tornar-se inimigo público de Cícero foi o fato de este ter conseguido chegar ao cargo de Cônsul; cargo a que Catilina, por ter descendência nobre, sempre almejou, sem que seu objetivo tivesse alcançado êxito.

No que se refere às *Catilinárias*, propriamente, na primeira delas Cícero explicita, num discurso inflamado, a sua intenção de convencer os “nobres senadores” e o próprio Catilina de que este deveria se exilar de Roma por decisão própria, pois não era possível banir um legítimo cidadão romano da cidade. Daí que Cícero usa sua retórica para conseguir seu objetivo de fazer com que Catilina tomasse a iniciativa de deixar a cidade. Também nesse Discurso, Cícero faz uma verdadeira defesa dos interesses de Roma (sendo também, uma defesa pessoal), nos moldes de um verdadeiro exercício da Advocacia, como pode ser evidenciado neste trecho:

“A mim, porém, aquilo que já há muito deveria ter sido feito, fortes razões me levam a não o fazer ainda. Há-de ser morto, sim, mas só no momento em que já não for possível encontrar-se ninguém tão perverso, tão depravado, tão igual a ti, que não reconheça a inteira justiça desse acto³”.

Na Segunda Catilinária, além de prosseguir com a defesa de “Roma”, Cícero chega a demonstrar uma certa “compaixão” por Catilina, de quem quase foi o seu defensor num processo de concussão, movido pelos Africanos. Essa compaixão por seu inimigo provavelmente tem a ver com o receio de Cícero de ser tido como responsável pela saída de Catilina e de seus cúmplices da cidade; mas, ao mesmo tempo, ele se mostra contente com tal fato:

“Finalmente, ó Quirites⁴, expulsamos de vez desta cidade, ou, se quiserem, deixámos partir, ou, então, acompanhámos com o nosso adeus, na sua voluntária partida, Lúcio Catilina, que, enlouquecido pela audácia, respirava crime, tramava perfidamente a ruína da Pátria, e a nós e a esta cidade dirigir repetidas ameaças de ferro e de fogo. Saiu, retirou-se, fugiu, precipitou-se⁵”.

À Catilina foram atribuídos vários crimes, devido a sua índole ser demasiadamente cruel; tendo sido, inclusive, acusado de barbáries, como o fez historiador romano, Salústio em sua *Conjuração de Catilina*, onde o descreveu como uma figura de “*natureza perversa e depravada*”.

Eis as acusações elencadas por Salústio, acerca dos crimes praticados por Catilina:

“Atribuem-lhe o envenenamento de um filho que tinha, além do da mulher, também insinuado por Cícero; Plutarco (vida de Cícero, 12) acusa-o de ter violado uma filha e de ter assassinado o próprio irmão; Quinto Cícero incriminara-o de incesto cometido contra sua irmã; em 73 movem-lhe um processo por estupro contra uma vestal, Fábica; e terá sido por tudo isso que Virgílio, no canto VIII da Eneida, vv. 668-669, o colocou nos Infernos cercado pelas Fúrias e amarrado a um rochedo como Prometeu⁶”.

Já na Terceira Catilinária, Cícero refere-se à Catilina, que já havia deixado Roma, de maneira mais direta. Cícero dirige-se especialmente à conjuração de Catilina contra o Estado, mencionando algumas vezes o nome de Tito Vultúrcio (aliado de Catilina) e alertando a todos para o fato de que, mesmo fora da cidade, Catilina tramava contra Roma, planejando incendiá-la:

“Mandei entrar Vultúrcio sem os Gauleses; concedi-lhe um salvo-conduto⁷ por ordem do Senado; convidei-o a declarar sem receio tudo o que soubesse. Então ele, embora ainda mal recomposto do grande terror, a-firmou possuir instruções e cartas da parte de Públio Léntulo para Ca-tilina, no sentido de este se servir do apoio dos escravos e de marchar com o seu exército quanto antes sobre Roma (...) ⁸”.

Na quarta Catilinária, Cícero fala mais de si próprio, comentando ofensas pessoais feitas por Catilina que teria, segundo ele, atentado por várias vezes contra a sua vida. Ao mesmo tempo, aborda as supostas ofensas desse seu “inimigo” contra Roma, exaltando, por outro lado, os seus méritos no exercício do cargo de Cônsul. Cargo que lhe permitiu provocar o “desterramento” de Catilina de Roma, como pode ser observado nestas palavras:

“Se a condição que foi destinada ao meu consulado é a de ter de suportar até o final todas as amarguras, todas as dores e tormentos, hei de suportá-los não apenas com coragem, mas até com prazer, contanto que de meus sofrimentos nasça o prestígio e a salvação de vós e do povo roma-no⁹”.

Apesar do grande apreço pela cidade em que viveu e lutou, não foi nela que Cícero nasceu; ele era natural de Arpino, nas proximidades de Roma, chegando a sentir um certo constrangimento por não ser cidadão legítimo dessa cidade. Cidade a que Cícero se mostra bastante ligado, chegando a se colocar como o “pai da pátria romana” por variadas vezes em seus discursos.

Convém mencionar que os Discursos contra Catilina são dotados de uma profunda carga sentimental e nostálgica, visto que Cícero aproveita o espaço para fazer

recordar os tempos passados que seriam mais fortalecidos pelos bons costumes. Mostra-se condoído com o que visualizava em seu presente, tentando fazer com que todos relembassem os “primeiros tempos” para que se convencessem de que as atitudes de Catilina contra Roma eram desprezíveis:

“Oh tempos, oh costumes! O Senado tem conhecimento destes factos, o cônsul tem-nos diante dos olhos; todavia, este homem continua vivo! Vivo?! Mais ainda, até no Senado ele aparece, toma parte no conselho de Estado¹⁰, aponta-nos e marca-nos, com o olhar, um a um, para a chacina (...)”¹¹.

Por valorizar os costumes tradicionais, Cícero costuma fazer uso da religião, tão presente nessas sociedades antigas, como demonstra esta passagem:

“Oh deuses imortais! Em que país do mundo estamos nós, afinal? Que governo é o nosso? Em que cidade vivemos nós? Estão aqui, aqui dentro do nosso número, venerando senadores, neste Conselho mais sa-grado e mais respeitável da face da terra (...)”¹².

Ao entrarmos novamente no âmbito da Retórica, temos também a contribuição do pensamento de Aristóteles, quando este a separa como ciência e como meio de argumentação, tendo como objetivo, a unificação e uma forma peculiar de se tratar desse termo. O sentido de retórica como ciência, para as concepções aristotélicas, apóia-se na “*demonstração baseada nos silogismos, cujas premissas dependem de axiomas evidentes. A argumentação é baseada nos entimemas, cujas premissas, por não serem necessárias, supõem uma opinião partilhada*¹³”. Cícero também elaborou reflexões sobre a retórica em obras, como *Retórica a Herênio* e *O orador*.

No Livro I da *Retórica a Herênio*, Cícero centraliza-se mais no método do discurso, que visa iniciar e inserir o indivíduo no universo discursivo propriamente dito e, no ofício do orador, como o exemplificado no item 2:

“O ofício do orador é poder discorrer sobre as coisas que o costume e as leis instituíram para o uso civil, mantendo o assentimento dos ouvintes até onde for possível. Três são os gêneros de que o orador deve incumbir-se: o demonstrativo, o deliberativo e o judiciário. O demonstrativo destina-se ao elogio ou vitupério de determinada pessoa. O deliberativo efetiva-se na discussão, que inclui aconselhar e desaconselhar. O judiciário contempla a controvérsia legal e comporta a acusação pública ou reclamação em juízo com defesa”. (...). (p.p.55).

Já no Livro II, destina-se mais à questão do discurso, especificamente no contexto jurídico, que, dos três gêneros, é o mais difícil de ser explicado. O capítulo 3 demonstra bem o que vem a ser o exercício do orador, no que se refere à atividade de defesa na Advocacia, como o exposto no início deste estudo:

“Na causa conjectural, a narração do acusador deve lançar suspeitas aqui e ali, de modo que todo ato, todo dito, todas as idas e vindas, tudo, enfim, pareça motivado. A narração do defensor deve ter exposição simples e clara, com atenuação da suspeita”. (...) A motivação é o que induz ao crime, quer com a esperança de obter vantagem, quer para evitar prejuízo. Pergunta-se, então, que proveito teria buscado com o crime: honra, dinheiro, poder; se acaso quisera satisfazer desejo de amor ou de paixão semelhante; ou evitar algum prejuízo: inimizade, infâmia, dor, punição”. (p.p.89).

No Livro III, tem-se uma explicação bem mais vasta, a respeito da invenção, a primeira das cinco partes do ofício do orador e a mais difícil. Tomemos como exemplo o que diz o capítulo 28, sobre essa parte:

“Passemos agora ao tesouro das coisas inventadas e à guardiã de todas as partes da retórica: a memória. Se a memória acaso provém de certo artifício ou inteiramente da natureza, será dado dizer numa ocasião mais idônea. Por ora, falaremos como se fosse certo que nesse assunto arte e preceito são de muita valia”. (...) Existem duas memórias: uma natural, outra produzida pela arte. Natural é aquela situada em nossa mente e nascida junto com o pensamento; artificial é aquela que certa indução e método preceptivo consolidam” (...). (p.p.181-183).

No Livro IV trata mais precisamente da elocução, utilizando exemplos próprios, numa crítica aberta sobre o modo como os gregos abordaram este assunto e enfatizando que os argumentos dos Antigos não são tão reais como se supõe e que sempre se apropriam de exemplos alheios.

Ainda sobre a elocução, o capítulo 11 deste Livro nos dá alguns esclarecimentos:

“Há três gêneros, que denominamos figuras, aos quais todo discurso não vicioso se reduz: um chamado grave, outro médio e o terceiro tênue. O grave é composto de palavras graves em construção leve e ornada. O médio constitui-se de uma categoria de palavras mais humilde, todavia não absolutamente baixa e comum. O atenuado desce ao costume mais usual d simples conversa”. (...) (p.p. 213-215).

São comentários com que Cícero teoriza o que ele próprio fazia ao escrever seus discursos. Portanto, trata-se de um escritor que não só elaborou vários discursos com fins políticos, a exemplo das *Catilinárias*, como também se preocupou em elaborar tratados sobre a arte da retórica, como a *Retórica a Herênio*, acima analisada. Fato que

demonstra a ligação que Cícero tinha com o mundo da oratória que, como nos diz Pierre Grimal, teve sua maior força no período republicano, sobretudo em seus últimos anos, possuindo um vínculo estreito com a política.

Portanto, a Retórica constituía um fator emergente na formação dialógica de todo aspirante a qualquer função pública na Antiguidade e, nos dias atuais, não é tão diferente.

Para entender melhor o contexto em que está situada, a Retórica era uma disciplina responsável por guardar todos os ensinamentos que se podia entender como norteadores da arte de discursar. Hoje em dia, o que entendemos por retórica tem um sentido mais “distorcido”, ou seja, esta palavra passou a ter um significado de “esperteza” no que diz respeito ao bom uso do discurso, especialmente político; ou, coloquialmente falando, a chamada “lábria”.

Um dos ensinamentos da Retórica diz que, no início do discurso, o orador (ou escritor), deve fazer uma imagem positiva da *persona* do enunciador e a do enunciatário, para causar uma boa impressão do mesmo para o ouvinte (ou leitor). É bem o que podemos ver, atualmente, quando pensamos em formação da imagem pública, principalmente no cenário político, por meio de empresas do setor de comunicação, especializadas em “alavancar” àqueles que pretendem construir uma boa opinião de si para o seu público alvo; mas, nem sempre a grande mídia é responsável por causar um impacto favorável na mente das pessoas.

Algumas dessas empresas, ao trabalharem em benefício de um político, procuram “derrubar” a imagem de seus opositores. O que acontece nesses casos é um mero exercício de “retórica”, no sentido contemporâneo que lhe damos acima, já que nem todos possuem uma formação intelectual que lhes permitam elaborar discursos, como os Ciceronianos, por exemplo. Porém, podem conseguir construir sua imagem, através do recurso a profissionais qualificados (denominados de *marqueteiros* - da palavra inglesa *marketing*, que significa mercado), especialmente para esse fim. Ou seja, há toda uma propaganda, no sentido de “vender” a imagem da pessoa que ingressa ou que quer permanecer na atividade política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso que se diga que nem todos os pensadores contemporâneos têm opinião favorável a respeito de Cícero; pois, para alguns, Cícero em nada contribuiu na eficácia do governo de Júlio César, como podemos constatar nas palavras de Leandro Konder, sobre um exemplo dado por Hegel, acerca dos feitos de César:

“César sabia que a república romana estava transformada numa mentira, que os discursos de Cícero eram vãos, que a forma republicana oca precisava ser substituída por uma forma nova, que era aquela que ele trazia¹⁴”.

Hegel afirmou que, se tivesse seguido os conselhos de Cícero, César não teria sido ninguém, em termos de progresso para a história.

Mas, nem todos os pensadores questionavam negativamente os discursos de Cícero. Isso pode ser exemplificado nas palavras do Renascentista Erasmo de Rotterdam que concorda com Quintiliano, quando afirma que *“o homem que começou a apreciar Cícero pode estar certo de que fez progressos”*.

De toda forma, a referência que se tem dos Discursos de Cícero, no que diz respeito à Oratória, pode ser colocada como de grande contribuição para a História, no sentido de “evolução” do termo e do seu uso efetivo, bem como, de sua importância na mentalidade cultural, desde as sociedades da Antiguidade, até os dias atuais. Momento em que essa característica perdeu um pouco o destaque, em função da disponibilidade de recursos visuais hoje existentes que vieram a substituir, em parte, a necessidade de se utilizar prioritariamente o recurso da fala. A imagem midiática tem sido utilizada de tal forma, por aqueles que pretendem ascender a cargos públicos, que a “arte de falar bem” parece estar em segundo ou em último plano. Os eleitores vão aos comícios não mais para ouvir horas de discursos, mas para assistir a shows musicais que parecem prender muito mais sua atenção.

Evidências de concepções de política distintas, mas que ao mesmo tempo se aproximam por um fato: tanto Cícero e os antigos, como os políticos contemporâneos, pretendem forjar uma imagem para si de modo a se tornar aceito pelo “povo”. Os primeiros faziam usos da arte retórica, ao passo que os últimos fazem usos das imagens midiáticas.

¹ Graduanda do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

² Mestre em Bacharelado e Licenciatura do Curso de História da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

³ Cícero, cap. II, p. 59.

⁴ *Quirites* era a palavra com que inicialmente se designavam os povos sabinos que se fundiam com a população romana (talvez de Cures, cidade sabina). Daí a expressão antiga *populus Romanus Quiritesque* (vide Tito Lívio VIII, 6,13). Mais tarde, quando se perdeu a consciência desta dupla origem dos habitantes de Roma, a expressão passou a significar o conjunto dos cidadãos da Urbe (equivalente a *cives*), sob a forma assindética de *Quirites Romani*, por um fenômeno semelhante ao que se passou com a expressão *patres conscripti*. Finalmente, o sentido de toda a expressão veio a concentrar-se apenas na palavra *Quirites*, que se aplicava aos cidadãos enquanto tais, por oposição a *Romani*, denominação política e militar.

⁵ Idem, cap. I, p. 73.

⁶ Introdução, p. 42.

⁷ Isto é, a garantia de impunidade em nome do Estado, por ele se apresentar na qualidade de denunciador.

⁸ Cícero, cap. IV, p. 90.

⁹ Idem, cap. I, p. 103.

¹⁰ Todo o cidadão romano que desempenhasse uma magistratura curul, depois de terminado o seu mandato,

tinha acesso ao Senado, com direito de voto. Este direito tornou-se, depois, extensivo a outras magistraturas não curuis. Catilina fora pretor no ano de 69.

¹¹ Cícero, cap. I, p. 57.

¹² Idem, cap. IV, p. 60.

¹³ Retórica a Herênio [Cícero], p. 31.

¹⁴ Fragmento retirado do livro: Hegel: A Razão Quase Enlouquecida, de Leandro Konder.

REFERÊNCIAS:

CÍCERO. Série Clássicos Gregos e Latinos. “Introdução” e “As Catilinárias”, (I à IV). In: **As Catilinárias, Defesa de Murena, Defesa de Árquias e Defesa de Milão**. Publicada sob a direção de Maria Helena da Rocha Pereira e realizada em colaboração com o Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Editora Verbo, Lisboa – São Paulo. pp. (41-55) (57-115).
_____. [CÍCERO] “Introdução” e “Livros I ao IV”. In: **Retórica a Herênio**. Tradução e introdução: Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra – São Paulo: Hedra, 2005. pp. (11-34) (53-313).